

O FUNK NO VOITH

Professor Arthur Müller

Escola Estadual Friedrich Von Voith

O presente relato retrata uma prática culturalmente orientada, durante as aulas de Educação Física em uma escola da rede estadual de São Paulo, para turmas do 5º ano do ensino fundamental. A escola Friedrich Von Voith se localiza na zona norte de São Paulo, próxima ao pico do Jaraguá¹. O bairro possui vias de acesso para outras localidades mais extremas de São Paulo, como a cidade de Caieiras e os bairros de Perus e Taipas. O entorno da escola não oferece muitas opções de cultura e lazer. Em uma das ruas paralelas à escola, há uma praça, com uma pequena quadra poliesportiva e alguns quiosques. Mais à frente, há outra praça com somente uma quadra poliesportiva e alguns bancos. Na grande maioria das vezes, o uso desses espaços se restringe aos adolescentes e aos adultos que praticam futebol e, dependendo da época do ano, empinam pipas. As crianças são proibidas de acessarem esses locais por duas razões (de acordo com conversas que tivemos com os pais de nossos estudantes): a violência que se estabeleceu no bairro já há alguns anos (é rotineiro o relato de assaltos, uso de drogas e até estupros na região circundante ao parque) e também, porque os garotos mais velhos não cedem espaço para que as crianças possam utilizar as quadras. Vale ressaltar que a utilização dessas quadras se dá, majoritariamente por homens e adolescentes. As meninas, mesmo que adultas, não são vistas dentro das quadras. Um pouco mais afastado do local em que se encontra a escola, recentemente foi inaugurado um shopping center². Imediatamente, se tornou o local de encontro dos jovens, adultos e crianças na região, uma vez que oferece toda a estrutura e serviços típicos de qualquer outro shopping center de São Paulo. Outra questão interessante sobre a inauguração do shopping foi a movimentação que os jovens e adultos tiveram principalmente a uma recolocação profissional ou mesmo ao acesso ao primeiro emprego. Algumas famílias que pensavam em retornar para suas cidades/estados de origem dada as condições precárias que estavam enfrentando, reorganizaram suas expectativas. Inegavelmente, o surgimento do shopping na região alavancou a comunidade local, seja em questões financeiras, seja em questões de acesso à serviços.

¹ O Jaraguá é um bairro muito conhecido também pela reserva indígena estabelecida em frente a entrada do parque estadual (local em que se localiza o pico do Jaraguá).

² Shopping Center Cantareira, inaugurado no segundo semestre de 2016.

A escola estadual Friedrich Von Voith³ tem esse nome em função da empresa Voith Paper que, durante décadas, auxilia na manutenção da escola. Através do instituto Voith – seu braço social – as melhorias necessárias, pequenas construções e reparos são realizados quase que no mesmo instante em que são solicitados. A escola funciona em dois turnos – manhã e tarde – tendo aproximadamente 980 crianças matriculadas em seus cursos que vão do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. A maioria dos/as professores/as são efetivos da própria escola e moram no entorno da escola ou cidades/bairros próximos.

O trabalho realizado foi possível devido a parceria com os estudantes do PIBID⁴. Por causa do ingresso de uma estudante nova, que iniciaria no segundo semestre de 2016, realizamos um novo mapeamento no bairro para que ela se familiarizasse com as ações didáticas que permeiam o currículo que trabalhamos na escola. A professora em questão, por coincidência, era moradora do bairro (Jaguará) e conhecia muitos dos espaços a que nos referimos. Quando retornamos para a escola, durante nossa conversa, ela questionou se conhecíamos o funk do Voith. Dissemos que não e ela explicou que era uma casa abandonada, quatro ou cinco ruas acima da rua da escola, que movimentava bailes durante todo o final de semana, bem como às 4as, 5as e 5as feiras. Nesse momento, fomos tomados pela vontade de tematizar essa prática corporal com os estudantes, mas precisávamos aguardar o reinício das aulas para mapear os saberes discentes em relação, tanto ao local que ocorria os bailes funks, quanto seus conhecimentos sobre a dança e as músicas.

Nas primeiras aulas do segundo semestre, sempre acompanhado pelas/os professoras/es do PIBID, iniciamos um mapeamento com as crianças sobre a manifestação corporal funk. Nem bem terminamos a primeira pergunta, muitos/as já se manifestaram falando que conheciam a música porque tinha um pancadão no “Aurora”⁵. Rapidamente, tentamos coletar as informações sobre as representações que as crianças tinham sobre o funk e, em sua maioria, o que ouvimos foi: ”minha mãe não me deixa dançar”, “é coisa perigosa”, “na minha rua tem umas meninas que vão lá”, “meus pais não gostam dessas músicas”, “falam muito palavrão”, “tem uma menina que engravidou por causa do funk”, “meu pastor disse que funk é do coisa ruim”, “na igreja que vou,

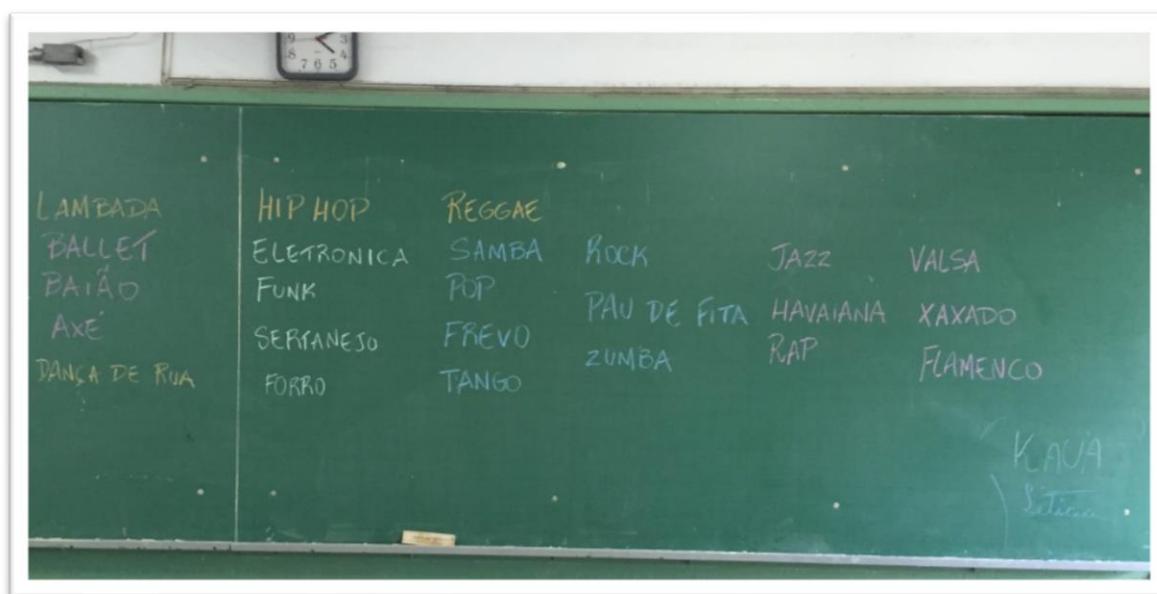
³ Friedrich Von Voith era o nome do fundador da empresa alemã aqui no Brasil.

⁴ Programa de iniciação a docência, em que os/as estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo se inscrevem e, durante um ano letivo visitam as escolas cadastradas, atuando junto às turmas, realizando inferências e/ou sugestões.

⁵ Nome com é conhecida a escola Jardim Aurora, próxima a escola Friedrich Von Voith.

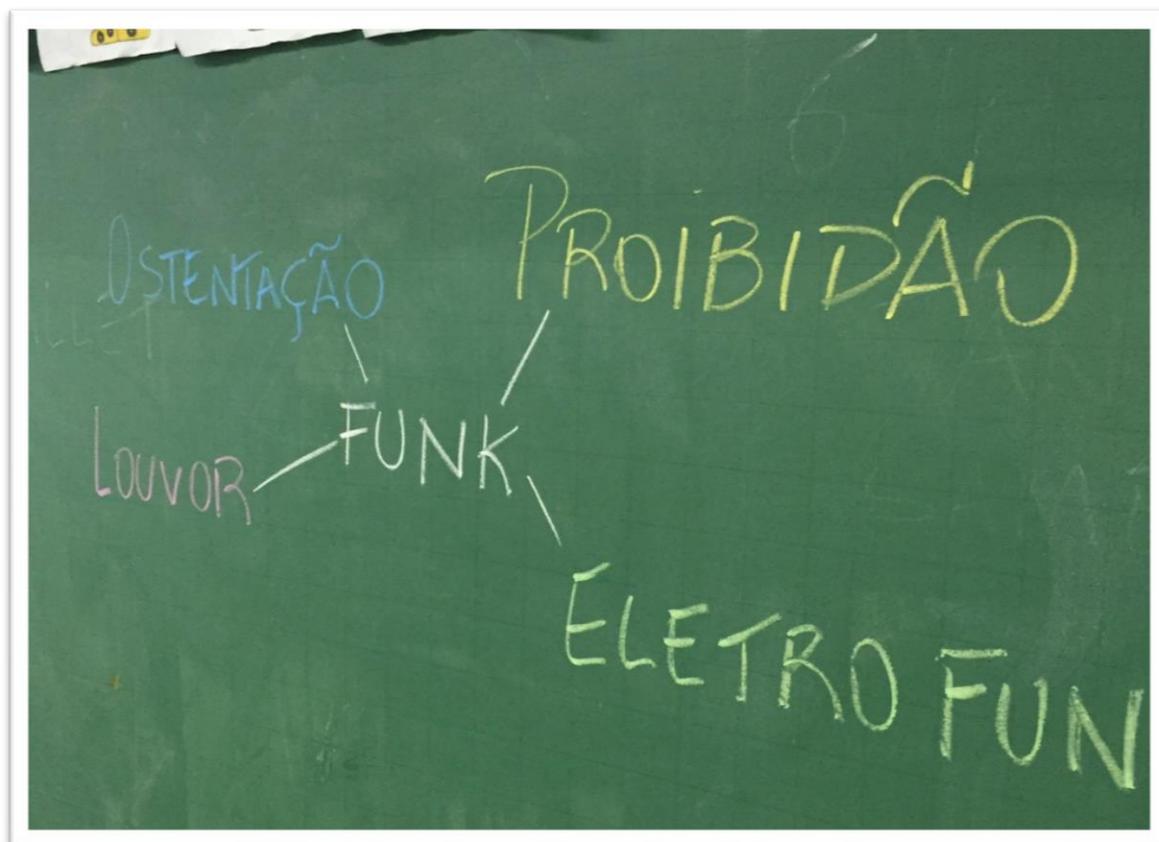
falam que não podemos ir lá, que não é coisa de crianças, criança tem que brincar e não dançar”. Ao tomar conhecimento de tudo o que foi falado, sugerimos para as crianças: e se estudássemos o funk na escola? Tivemos um misto de reações. Algumas crianças vibraram com a possibilidade de poder dançar e cantar funk na escola, outras se mostraram desconfiadas, principalmente porque seus pais e suas igrejas eram contra. Finalizamos essa primeira aproximação e fui imediatamente conversar com a coordenadora pedagógica sobre as pretensões das aulas de Educação Física para aquele semestre. Ao relatar nossas impressões, tanto sobre a manifestação corporal, quanto às reações das crianças, percebemos, também, que a própria coordenadora se mostrou contra a proposta, tanto que em um momento de nossa conversa, ela me questionou se não seria melhor estudarmos algo menos polêmico com as brincadeiras de rua ou algum jogo mais popular. Pacientemente, expliquei para ela as proposições do currículo sob o qual atuamos, dizendo, inclusive, que seria uma excelente oportunidade para que as crianças pudessem conhecer sobre a dança, sobre as letras e sobre seus representantes, evitando, desta forma, eventuais preconceitos e discriminações. Mesmo após todas as argumentações, ela se colocou contrária a ideia. Decidimos em continuar com o projeto.

Após realizarmos uma primeira aproximação com o tema, procuramos buscar junto às crianças quais os tipos de músicas e danças que elas conheciam.



Em seguida, conversamos com as crianças a fim de saber qual, dentre todas essas manifestações, estava mais próxima das crianças. Dito de outra forma, qual, na opinião delas/deles era a música/dança que mais aparecia no bairro, que mais estava disponível.

A grande maioria das crianças respondeu que o funk era a dança/música mais presente, seguida pelo sertanejo. Imediatamente após aparecer o funk como a manifestação corporal mais latente na comunidade, um aluno perguntou sobre “qual dos funks” iríamos estudar. Perguntei para a sala quais os tipos de funk que eles/elas conheciam. Registrei as respostas na lousa.



Um a um, os estudantes começaram a diferenciar os estilos de funk, dando exemplos sobre como cada um trata dos assuntos em suas músicas. Ficou evidente, pelas falas das crianças, que possuem maior contato com os funks ostentação e proibidão. Solicitei que pensassem sobre o que havíamos conversado para que próximo encontro pudéssemos listar os cantores mais conhecidos por eles/elas. Nesse momento, uma aluna disse que no funk não chamamos os cantores assim, mas de MC's. Perguntei, então, para todos/as o que significava MC:

Marcela: MC quer dizer mestre de cerimônia. Eles que comandam os bailes, cantando e colocando música.

Professor: mas porque mestre de cerimônias?
(Silêncio).

Após reler as anotações que realizei durante a aula, a fim de organizar as ações para o próximo encontro, pensei que seria interessante passarmos pela sala de informática para pesquisarmos sobre o termo “mestre e cerimônias”, porém a sala passava por reformar em todo o sistema de cabeamento e não foi possível realizar a pesquisa desta forma. Por essa razão, em casa, reuni a maior quantidade possível de informações, fotos e vídeos sobre o assunto para que no próximo encontro pudéssemos iniciar tratando sobre esse assunto.

Como no encontro seguinte trataríamos sobre os MC’s, arrumamos a “casa do conto⁶” com o datashow para que as imagens e vídeos pudessem ser projetados para as crianças verem as imagens e assistirem aos vídeos. Após esse primeiro momento, conversamos um pouco sobre a importância dessa pessoa nas músicas e nas letras. A intenção da atividade era proporcionar para as crianças uma outra visão acerca dos MC’s, ou seja, oferecer para eles informações diferentes àquelas que possuíam, uma vez que os mestres de cerimônias tinham a função de comandar os bailes e as atrações e raramente elaboravam músicas. Frequentemente criavam rimas para entreter a multidão entre uma atração e outra.

Leonardo: Hoje essas pessoas fazem diferente. Eles cantam e criam as músicas.

Giovana: São outras pessoas que apresentam. Não são mais eles. Eles são chamados para cantar só.

Pedro: Eles ganham um monte de dinheiro e ficam cantando ostentação.

Professor: O que eles cantam?

Pedro: Falam que andam de carrão, de R1, com um monte de colar e corrente de ouro.

Professor: Vocês ouvem essas músicas? Que falam sobre essas coisas?

Crianças: Sim.

No encontro posterior, disse para as crianças que faríamos uma lista com os MC’s que elas conheciam. Disse, também, para que ficassem à vontade em levantar e escrever na lousa todos/as que lembrassem. Nesse momento, a minha preocupação se voltou sobre as crianças que praticam religiões que proíbem escutar e/ou dançar o funk⁷.

⁶ A casa do conto é um espaço de contação de histórias da escola. Fica em local próximo da quadra e sua decoração é totalmente voltada para a leitura. Esse espaço foi totalmente idealizado pelos/as professores/as da escola e construído com ajuda da empresa Voith e da empresa Melhoramentos.

⁷ Há uma confiança muito grande por parte da comunidade no trabalho desenvolvido pela escola. Porém, nos últimos anos, presenciamos o crescimento de igrejas pentecostais no entorno da escola. Por essa razão, durante nossos registros, nos atentamos às reações das crianças a fim de oportunizar em ações vindouras, situações para problematizarmos a questão da religiosidade e as músicas, principalmente no que se refere ao funk, uma vez que, em termos midiáticos, essa prática vem sendo constantemente caricaturizada, vinculando seus praticantes a atos de violência, promiscuidade e baderna.

Após conversarmos sobre as músicas e sobre seus representantes, fomos para a quadra para vivenciarmos as danças. A crianças se dividiram em pequenos grupos e trouxeram os passos das danças. todas as crianças me avisaram previamente qual seria a música. Desta forma, baixei e coloquei para tocar na caixa de som.



Como atividade de aprofundamento, fizemos a leitura das letras das músicas que as crianças escolheram para realizar a vivência prática. Para tanto, cada sala escolheu uma letra, eu escrevi a letra na lousa e conversamos sobre o que as pessoas que criaram a letra

estavam tentando nos comunicar. Ou seja, qual era a mensagem que a música estava tentando passar e como nós estávamos compreendendo.



Vale ressaltar que as letras das músicas que as crianças escolheram, tanto para dançar, quanto para analisar, não tocava em nenhum assunto considerado polêmico. Apesar de mapeamento ter aparecido o funk pancadão que, segundo as crianças são as músicas que possuem grande quantidade de “palavrões” e que tratam sobre sexo, essas músicas não apareceram quando eles/elas decidiram sobre as danças. As músicas mais tocadas, de acordo com as escolhas das crianças, foram aquelas que comumente vemos nas mídias abertas, o que sinaliza para nós qual o tipo de a fonte de informações que elas têm cotidianamente.

Para realizarmos as ressignificações sobre o funk, as crianças mantiveram os grupos, mas para agora, deveriam criar suas próprias coreografias, utilizando as músicas que haviam escolhido anteriormente. As crianças preferiram realizar essa atividade em forma de apresentação.





Em seguida, ainda em pequenos grupos, as crianças elaboraram suas próprias letras, a partir das músicas que já conheciam. Poderiam falar sobre o tema que desejassem, desde que o grupo estivesse de acordo. Em princípio, a ideia era que elaborassem também a melodia da música, porém, em decorrência de alguns contratempos na escola, optamos em utilizar as melodias já conhecidas, colocando a letra somente.

7th Edição: Emilly, João, michelle
manuelo, adrielly.

U	S	T	Q	Q	S	S
---	---	---	---	---	---	---

No Brasil

Na entrada nós temos a Balada
e a imigração tudo balada.
e as crianças, são tudo balada
Nós tem ~~uma~~ educação fraca
e os meninos tudo chorado.

Matemática dentro do cérebro,
Português fora do cérebro.
1+1 não entende nada
Português sempre tem um
rolado.

Não recreio nós temos tudo turrituando
ando, e os meninos tudo chorado

Bate o sinal recreio pro sala
e falamos
- professor não passo lição, vamos
que português porque não tem nada
pro fazer

Na saída bate o sinal nós pegamos
nossa bolsa e recreio pro trabalho.

fim

__/__/__

S T C

Y
Férias

As aulas acabaram e, eu quero curtir

Nada de estudar eu quero me distrair

As férias já chegaram para alegrar meu dia
Ficar em casa e ver a minha família

NON

Ligar a tv e assistir algum programa

Sair com meus amigos e curtir o role

A gente acha que nunca isso vai acabar

Mas para sempre ironicamente ficar

NON

No final a gente se desespera

E de nada tudo acabou as férias

Acabou as férias

Acabou as férias

NON

A gente volta para a escola

E tudo que passou ficou na lembrança

Então ~~relembramos~~ todos os amigos

Então ~~relembramos~~ todos os amigos

DANÇARINA DANÇARINA DANÇARINA DANÇARINA DANÇARINA DANÇARINA
 BATEDA CANTORA CANTORA
 LARISSA JULIA BIANCA WANESSA MERELIN
 DANÇARINA CANTORA DANÇARINA DANÇARINA
 ALANA DANIELLA LAURA

O QUE EU QUERO É CURTI

MALANDRAMENTE
 COM AS FERIAS TO CONTINIA
 DA AZUL CLIENTE
 INDO PRO HAWAI
 MALANDRAMENTE
 TO BEM LONGE DE CASA
 O QUE EU QUERO É CURTI

A FOLGADA
 PEGA O RODO
 E VAI LIMPAR ESSA CASA
 AS VASILHA ESTÃO CRITANDO
 ME LAVA
 ENTÃO ACORDA DESSE SONHO AI
~~POR NOS E POBRE~~
~~POR~~
 POR QUE NOS E POBRE (3x)

Para finalizar esse estudo sobre o funk, as crianças cantaram suas letras, utilizando as melodias de outras músicas já conhecidas, conforme combinado.

Considerações Finais

Particularmente, esse foi o primeiro trabalho que realizamos sobre o funk nesta escola. Além de ser a primeira vez que essa manifestação corporal foi tematizada nas aulas de Educação Física, foi, também, a primeira vez que eu, como professor, ofereci esse estudo para uma turma. Em princípio, havia um receio sobre algum tipo de resistência que pudesse surgir principalmente advindo de grupos mais conservadores do bairro, mas conforme o trabalho foi se desenrolando, as crianças demonstraram grande interesse no fato de trazer essas danças para dentro da escola, bem como as músicas que elas escutam em suas casas.

Algumas escolas repudiam essas aulas, pois têm receio dos efeitos que possam causar às crianças e jovens, Dizem que é melhor deixar as meninas no canto com os bambolês ou a corda, os meninos jogando bola e o professor ou professora apitando. Outras apostam na fixação de comportamento sociais através do ensino e da prática de determinados esportes. Em pleno século XXI, não são poucas as insituições assombradas pelo fantasma do vestibular ou do discurso da obesidade. Enquanto aquele resulta em aulas livres, mera recreação pedagogicamente descompromissada, este quer convenver os estudantes a correr e malhar. Em todas as situações mencionadas, não questionam, não reclama, não enxergam o que acontece na quadra, no patio, na sala e na escola, tampouco para o que passa do lado de fora. (NEIRA; NUNES, p. 2, 2016).

Desta forma, mesmo que houvesse contestação, resistência, discurso discriminatório ou preconceituoso sobre o funk, ainda assim insistiríamos com o aprofundamento dos estudos acerca dessa manifestação corporal, oferecendo para as crianças informações diferentes àquelas que elas/eles comumente acessam em seus cotidianos. Pensamos que esse seja um caminho razoável para a que as pessoas possam se posicionar frente as mais variadas situações do dia a dia, sem que haja juízo de valores pré concebidos. O resultado de uma prática que considere os diferentes, aqueles/as que sempre foram pormenorizados e por essa razão, deixados à margem da sociedade, sem que suas culturas e manifestações corporais fossem considerados, é uma sociedade com práticas mais solidárias, em que os diferentes tenham reconhecimento. Nesse entendimento, as aulas de Educação Física se configuram em terreno fértil para esses encontros.

O currículo de Educação Física passa a ser compreendido como espaço para análise, discussão, vivência, ressignificação e ampliação dos saberes relativos à cultura corporal. Neste currículo, são incoerentes quaisquer ações didáticas que privilegiam a fixação de padrões, visando o alcance de níveis elevados de desenvolvimento motor ou transformações em outros domínios do comportamento. Tampouco são cabíveis organizações curriculares que

confirmam a determinada prática maior ou menor privilégio, ou ainda, que a festividade característica de cada uma seja objeto de correção, treinamento ou meio para afirmação de valores. De uma perspectiva funcional e reprodutora das visões de determinado grupo, a educação física passa a ter uma perspectiva crítica e criadora de possibilidades. (NEIRA; NUNES, 2009a, p. 1).

Apoiados nessa afirmação, pensamos que o tema se alinha com a proposta pedagógica da escola, no que tange o posicionamento crítico do aluno/a perante as coisas do mundo, afinal de contas, o funk, como qualquer outra prática corporal, está disponível para quem quiser acessar. Tratar sobre isso dentro da escola, possibilita que as crianças tragam suas representações para o debate, reconstruindo as significações que possuem tanto sobre o funk, quanto seus praticantes. Mas para isso é fundamental que as crianças sejam ouvidas, afinal, elas carregam suas representações de forma para dentro da escola.

Um rápido olhar sobre a literatura disponível permitirá constatar a abundância de publicações e propostas que sugerem um rol de conteúdos de ensino do componente e prometem a formação cidadão por meio de uma aprendizagem baseada em atividades previamente selecionadas. A argumentação para justificar essa oferta alega que o propósito da escola é “resgatar” da ignorância esses estudantes (e docentes) que pouco sabem ou o pouco que sabem é insuficiente para uma cidadania plena, e portanto, cabe a escola transmitir os conteúdos selecionados por aqueles que se encontram no “topo” da pirâmide social. (NEIRA; NUNES, 2018, p. 234-235).

Nesta esteira, a escola deixa de ser o centro detentor do conhecimento considerado correto, passando a ser o local em que as diferentes culturas entram em contato e em rota de colisão, proporcionando o embate e, caso seja necessário, a criação de culturas híbridas, tipicamente daquele local. O conhecimento é tratado como algo em constante construção e ressignificação, sem que haja qualquer pretensão de se alcançar o “ideal”, o “científico” ou o “consagrado”. Neste currículo não existem pretensões sobre a transmissão de conhecimento e/ou obtenção do conhecimento socialmente validado. Todos os conhecimentos são verdadeiros e legítimos e devem estar dentro da escola para que possam ser tematizados. Com o funk não é diferente. Discursos pré concebidos e julgamento de valores não se alinham a uma prática culturalmente orientada.

Como uma primeira aproximação do tema com as crianças, considero que o trabalho foi positivo.

Referencias bibliográficas

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Praticando os estudos culturais na educação física**. São Caetano do Sul: Yendis, 2009a.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura.** São Paulo: Phorte Editora, 2009b.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física cultural:** escritas sobre a prática. Curitiba: CRV, 2016.